

SER ARTISTA OU PROFESSOR: A DIFÍCIL TAREFA DE CONCILIAR O FAZER ARTÍSTICO COM A PRÁTICA DOCENTE

TO BE ARTIST OR TO BE TEACHER: THE HARD ASSIGNMENT OF CONCILIATE THE ARTISTIC DOING WITH THE DOCENT PRACTICE

Ailson Gonçalves Rodrigues /UFPA

RESUMO

Este artigo é resultado parcial da pesquisa realizada para um trabalho de conclusão de curso em 2018, que investigou a atuação sete professores de Arte de cinco escolas públicas localizadas em três bairros periféricos no município de Belém-PA. Além de compreender as possibilidades de conciliar a docência e o fazer artístico, buscou-se conhecer o ambiente educacional de atuação desses profissionais e sua influência no ensino/ aprendizagem. Para isso, utilizou-se a entrevista semiestruturada para a coleta de dados. Os resultados da pesquisa evidenciaram a dificuldade de conciliar as duas atividades e a escolha pela docência, pois teoricamente garante maior estabilidade financeira em relação à carreira artística. Desta forma, o fazer artístico torna-se uma atividade casual, paralela à atividade docente.

PALAVRAS-CHAVE

Professor de Arte; Fazer Artístico; Prática Docente; Artes Visuais.

ABSTRACT

This article is partial search result done for final paper in 2018, which investigated the action of seven Art teachers from five public schools in three peripheral neighborhoods in Belem-PA. Besides understanding the possibilities to conciliate the teaching and the artistic doing, it searched knowing the educational environment of action these professionals and their influence on teaching/ learning. It used the interview semi structured to the information collection. The results of search evidenced the difficulty to conciliate the both activities and the choice for teaching, because it is theoretically which ensure greater financial security related to artistic career. Thus, the artistic doing becomes a casual activity, parallel to the teaching.

KEYWORDS

Teacher of Art; Artistic Doing; Docent Practice; Visual Arts.

Introdução

Este artigo resulta de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura em Artes Visuais, intitulado “A atuação de professores de Artes: um estudo de caso sobre a prática docente e o fazer artístico em escolas públicas de Belém”, defendido em 2018 na Universidade Federal do Pará (UFPA).

O histórico da pesquisa remete a encontros realizados durante a disciplina Estágio em Ensino das Artes Visuais¹ que estimulava os estudantes a refletirem acerca de questões artísticas, estéticas e pedagógicas relacionadas às experiências em sala de aula, além do histórico da educação em Arte² no Brasil que permitiram comparar os diferentes contextos dessa disciplina. Desses encontros, ficou marcada a distinta frase *He who can, does. He who cannot, teaches* escrita pelo irlandês George Bernad Shaw³ (1856-1950), e que ainda reverbera fortemente nos dias atuais em sua tradução para o português “Quem sabe faz, quem não sabe ensina”, vista negativamente em Arte, pois menospreza as potencialidades artísticas e intelectuais de profissionais responsáveis por seu ensino no Brasil e alimenta a dicotomia entre o fazer artístico e a prática docente, delimitando para cada atividade um profissional: o artista e o professor respectivamente.

Este trabalho se faz relevante por apresentar, mesmo que parcialmente, a realidade de professores responsáveis pelo ensino de Arte em escolas públicas de Belém⁴, locais para onde, acredita-se que a maioria dos graduados em licenciatura em Arte pretende atuar, ao ingressar por meio de concursos públicos ou contratos temporários, almejando certa estabilidade financeira.

Para este estudo foram entrevistados sete professores de Arte⁵ de cinco escolas públicas⁶ localizadas em três bairros periféricos de Belém: Icoaraci, Guamá e Terra Firme. Utilizou-se como ferramenta de pesquisa a entrevista semiestruturada com o auxílio de um roteiro com questões norteadoras que direcionaram para reflexões acerca do fazer artístico e a prática docente. Os dados foram coletados por meio de

RODRIGUES, Ailson Gonçalves. Ser artista ou professor: a difícil tarefa de conciliar o fazer artístico com a prática docente, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1440-1452.

audiogravações e transcritos para análise. Os resultados parciais da pesquisa apresentados a seguir, nas falas dos professores⁷, correspondem aos caminhos que levaram esses profissionais à Arte, suas experiências com a docência, além das produções artísticas desenvolvidas e as razões para acreditarem na relação entre a docência e o fazer artístico.

Das referências consultadas destacam-se Almeida (2009), Caldas (2010), Born (2012), Forte (2013), entre outros que auxiliaram nas reflexões e na discussão acerca do problema levantado.

Caminhos que levam à Arte

Uma das questões considerada pertinente à pesquisa era saber as razões que levaram os entrevistados a escolherem a Arte como profissão. Os resultados mostraram que, para a maioria, foi algo motivado pela afinidade com habilidades técnicas desenvolvidas ainda na infância:

[...] eu sempre gostei muito de arte, de pintar, desenhar e tal. Aí eu queria fazer alguma coisa relacionada a isso.

Forte (2013, p.50) fala a respeito dos motivos, um tanto ingênuos, pelos quais muitos escolhem a arte como profissão: “Quando entramos no curso [...] muitos de nós acreditamos possuir o dom, ou talento nato que nos coloca no caminho das artes visuais. Porém, somos levados a duvidar e rever nossas posturas”. Isso acontece, geralmente, quando encontramos pessoas com habilidades aparentemente superiores às nossas e percebemos que não somos tão especiais como imaginávamos. E é na faculdade que, muitas vezes, a figura do artista ligado ao dom para a arte (uma concepção construída socialmente e que somos levados a acreditar) é desconstruída.

Percebeu-se nas falas dos entrevistados que a docência parecia não estar nos primeiros planos. O curso superior na área era visto apenas como uma oportunidade

RODRIGUES, Ailson Gonçalves. Ser artista ou professor: a difícil tarefa de conciliar o fazer artístico com a prática docente, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1440-1452.

de aprimorar habilidades artísticas e ganhar dinheiro com isso. Nesta concepção, subentende-se que a carreira docente raramente estava em seus objetivos:

[...] na minha época a galera entrava querendo ser artista. Desenho e viver de arte. Trabalhar em alguma empresa, ou então, sei lá, ser algum artista conhecido, trabalhar com design, essas coisas. Todo mundo queria seguir essa linha, [...] menos ser professor. Ninguém ia com essa intenção de ser professor no curso de Artes.

Alguns dos entrevistados acabaram contrariando totalmente a vontade de seus familiares que desejavam vê-los graduados em cursos de destaque ou mais “sérios” perante a sociedade, o oposto da Arte, que muitos ainda ignoram sua formação enquanto profissão:

[...] toda a minha família queria que eu fizesse Direito, mas quando eu olhei o curso de artes e desenho e tudo eu falei “Égua, é esse aqui que eu vou fazer!”.

[...] eu queria fazer artes, mas, só não queria porque as pessoas diziam que era um curso escroto, que era um curso de pessoas que não estudavam muito e tal.

Duarte Jr. fala a respeito da forma idealizada de como era visto o curso superior, e distante da arte, na formação do ser humano:

Na universidade finalmente aprenderíamos a ser cidadão respeitável, um profissional, que ao receber o diploma daria o último passo no aprendizado da seriedade. Devolvidos à sociedade seríamos então tratados por “doutor” e seríamos felizes, trabalhando seriamente a favor de nosso progresso e do desenvolvimento da nação. (DUARTE JUNIOR, 2012, p. 09, grifo do autor).

De acordo com os entrevistados, a escolha da carreira docente surgiu como consequência a partir do envolvimento com atividades pedagógicas no âmbito do curso ou por acreditarem que esta seria uma profissão que permitisse empregar-se facilmente após a graduação. A maioria considerou a docência como um misto de resultados que direcionaram a uma profissão que não almejavam a princípio, mas que aprenderam a valorizar:

Então, não fui eu que escolhi ser professor, eu acho que as circunstâncias da vida escolheram isso para mim e eu gostei muito.

[...] as coisas foram acontecendo assim, entendeu? [...] Só que eu fui gostando na prática, sem muito interesse, assim, não foi premeditado. [...] Aí quando eu vi eu gostava já!

Estes fatos mostram que os caminhos que levaram a um curso de arte são parecidos. A docência surge como obra do acaso⁸, motivada muitas vezes por questões econômicas. E para alguns, tornou-se algo maravilhoso; para outros apenas uma profissão que proporciona maior estabilidade financeira em relação à carreira artística.

Professores e o fazer artístico

Constatou-se que, para alguns dos entrevistados, a produção artística está diretamente relacionada à docência, como se os resultados obtidos em sala de aula pelos alunos também fossem do professor; a sua principal obra de arte resultante da atividade docente:

Minha produção artística eu acho que é voltada mais à sala de aula, mesmo. Antes eu não era professora, então eu tinha mais essa liberdade para fazer fora a produção artística. Quando eu me tornei professora essa produção artística veio para a sala de aula, ela se realiza na sala de aula com os alunos.

Alguns professores veem a produção artística ligada diretamente a exposições em galerias de arte ou museus. Talvez essa concepção do fazer artístico, de que só podem ser artistas aqueles que possuem obras expostas nesses espaços, faz com que alguns professores acreditem não se enquadrarem nessa profissão com seus trabalhos, pois não produzem nada nesse sentido. Outros professores, porém, pensam que o fazer artístico não se restringe unicamente a uma produção técnica que resulte em obras para galerias, pois a arte também pode ser utilizada como ferramenta de reflexão para além do desenvolvimento de habilidades manuais:

RODRIGUES, Ailson Gonçalves. Ser artista ou professor: a difícil tarefa de conciliar o fazer artístico com a prática docente, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1440-1452.

Eu já fiz alguns trabalhos para o que a gente poderia chamar de arte de salão [...] Foi uma coisa boa, mas eu vi que não é a minha linha de criação, de reflexão utilizando a arte como ferramenta para isso.

Ao refletir a respeito das experimentações artísticas, da prática de ateliê na formação do professor, Ferraz e Siqueira (1987, p.47) dizem que “o futuro professor, tendo a oportunidade de desenvolver sua própria percepção, seu potencial criativo, estará mais apto a perceber o surgimento destas características em seus alunos”. Desta forma, os experimentos artísticos individuais desenvolvidos na arte contribuem para o entendimento das produções dos alunos, à medida que permitem com que estabeleçam relações de troca entre si:

[...] eu acho que sempre a produção própria vai informar a maneira como a gente percebe a produção do outro. Então, a minha experiência de criação sempre me ajuda a estabelecer relações com a experiência de criação dos alunos, com desenvolvimento deles, artísticos de percepção.

Constatou-se nas entrevistas, porém, que mesmo as experimentações artísticas dos professores sendo poucas, ainda são vistas como importantes no auxílio em sala de aula. Entretanto, há certa contradição nessas falas, pois os professores reconhecem o valor de um fazer artístico que não conseguem exercer por conta da atividade docente.

Conciliar a docência com o fazer artístico

Um grande questionamento desta pesquisa era saber se a docência e o fazer artístico poderiam coexistir no contexto da realidade das escolas públicas de Belém. Os resultados mostraram que a conciliação entre as atividades é difícil, mas não impossível. Porém, é uma tarefa que depende muito da postura de cada profissional para que isso aconteça:

Então, isso não é incompatível, só que depende da inclinação de cada um que quer se dedicar integralmente para uma coisa ou para outra.

Apesar de não ser algo tão simples assim, a motivação certamente é fundamental para que isso ocorra, não só na arte, mas na vida em geral. E o professor que possui uma produção artística cultiva por ela um valor que o incentiva a continuar sua pesquisa, a falar e defender o seu trabalho. Essa relação de aproximação com o fazer artístico dá ao profissional a possibilidade de conciliar suas atividades:

[...] acho que é possível para quase todos os professores que têm trabalho com produção artística, porque a produção artística individual de cada um, ela tem uma relação afetiva com a pessoa. Então, [...] você vai querer falar disso, vai querer defender.

E é o que muitos imaginam ou esperam do professor de Arte, principalmente os estudantes que ainda têm uma concepção ingênua a respeito do artista e sua relação com o professor:

E aí se você não se mostra como artista [...], acho que até para os alunos mesmo, fica um pouco assim “Pô, mas ele é professor, e o que ele produz?”. Porque se tem essa ideia de que o professor ele é artista também. Embora eu sempre fale para os alunos que, existe o professor-artista, e existe o professor, e existe o artista; são coisas separadas. Não é uma regra que todo professor de Artes ele tem um trabalho de produção artística. Porque a faculdade não cria artistas, ela cria professores e pesquisadores em artes.

Porém, Caldas (2010, p. 06) pensa que o artista está intrinsecamente atrelado ao professor de Arte, haja vista este profissional necessita ser artista antes de ensinar, independentemente de sua qualidade como artista ou de sua obra. Mas é preciso que esteja em constante produção na arte, pois “como alguém pode ensinar algo sem vivenciar isto? Imagine um professor de viola que não sabe tocar viola. É como um professor de artes visuais que não tem uma produção visual”.

Neste aspecto, convém ressaltar que nem todos aqueles que tenham o domínio prático de uma técnica ou habilidade possam também ter a competência para ensiná-la⁹. E não é preciso saber tocar¹⁰ algum instrumento musical (embora possa ser útil) para interpretar uma canção e o sentimento que ela pode expressar. Desta forma, talvez um professor de Arte não precise saber pintar para apreciar uma obra feita com esta técnica e estimular a reflexão da mesma com seus alunos.

RODRIGUES, Ailson Gonçalves. Ser artista ou professor: a difícil tarefa de conciliar o fazer artístico com a prática docente, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1440-1452.

Quando questionados sobre dar prioridade a uma atividade em relação à outra, a estabilidade financeira sempre é vista como critério de desempate no equilíbrio da balança, que acaba pesando para o lado da carreira que proporciona maiores retornos financeiros:

Eu acho que aquela atividade que lhe sustenta acaba se sobressaindo. Aquela atividade que você consegue garantir sua renda, você acaba dando mais atenção para ela.

Caldas (2010) não nega que a tarefa de conciliar as carreiras de artista e professor é difícil, e para alguns chega a ser algo impossível. Isso justifica, muitas vezes, o fato de professores priorizarem a atividade que lhes proporciona maior estabilidade financeira. Mesmo assim, o autor ressalta que o ensino de Arte necessita do fazer artístico, pois a arte só se aprende fazendo. E o professor que não mantém uma produção constante na arte é muito provável que não será um bom professor de Arte. Isso, talvez, possa se aplicar a qualquer atividade, pois, o conhecimento que não é posto em prática acaba sendo esquecido com o passar do tempo, como Duarte Jr. explica:

Nossa mente é seletiva: apenas aprendemos aquilo que percebemos como importante para a nossa existência. Tudo que foge aos nossos valores, tudo que não percebemos como necessários ao nosso dia a dia, é esquecido (DUARTE JUNIOR, 2012, p. 23).

Entretanto, a falta de um fazer artístico não desqualifica automaticamente o professor de Arte, pois, na condição de mediador, cabe a ele propor meios para a construção dos conhecimentos, e não somente ensinar técnicas (que podem fornecer a habilidade ao aluno, mas não a competência para usá-la como expressão), haja vista ninguém tem o domínio de todas as técnicas existentes, do contrário, retornaríamos novamente ao discurso do gênio da arte.

O principal inimigo que dificulta a relação entre essas atividades é o tempo, que se torna cada vez mais escasso em meio ao grande número de turmas e obrigações docentes que fazem com que o trabalho dos professores se estenda da escola para casa:

Eu tenho amigos que são professores de Artes Visuais e deixam muito de desenhar, de praticar porque não tem tempo. A gente para ter um salário bacana assim, eu aqui na escola pública, eu trabalho de manhã e de tarde [...] Então, quando eu chego em casa, já é morta. Aí tem que planejar e fazer as coisas para a semana seguinte. Então, vai ficando um tempo escasso pra ti praticar.

Apesar das dificuldades apresentadas pelos entrevistados acima, Born (2012, p.107) considera que “a atuação docente não pode ser empecilho para o fazer artístico do professor”, pois, o artista está atrelado a criação tanto quanto o professor. Embora o tempo não permita que isso aconteça de maneira tão perceptível, a autora ressalta que “mesmo com sua instabilidade, creio ser possível resistir a tantos entraves para tentar a conciliação entre a prática artística e docente” (ibid., p. 108).

Está claro que o desenvolvimento do fazer artístico não é uma tarefa fácil de realizar devido à atividade sobrecarregada do professor que, muitas vezes, exerce essa rotina para conseguir um maior retorno financeiro. E isso acaba tomando parte do tempo que poderia ser destinado a outras atividades importantes para sua formação artística ou docente:

Como a gente tem que trabalhar muito para ter um salário digno [...] Então, no mínimo 150 horas, se tiver um filho 170h a 200 horas. E, às vezes, o acúmulo de trabalho pode fazer com que tu não tenha tempo pra ti ler, pra ti tá vivenciando as outras coisas importante pro teu processo artístico [...].

Mesmo com os empecilhos relatados pelos professores, Caldas (2010, p.08) traz a paixão pela carreira como justificativa para conciliar o fazer artístico e a prática docente, pois afinal, “com que tempo este professor também será artista? Como alguém que trabalha quarenta horas semanais teria tempo de ser artista e pesquisador?”. Segundo o autor, muitas vezes, é preciso priorizar as coisas em detrimento de outras, mas a vida é feita de escolhas e cada uma traz consequências. E uma dessas consequências, para muitos professores, pode ser o atrofiamiento do fazer artístico.

Alguns consideram que conciliar a docência com o fazer artístico não é necessariamente uma opção, mas um dever do profissional da educação, haja vista a sua produção funciona como um estudo a ser aplicado em sala de aula.

Minha produção é, assim, como se fosse um plano de aula para mim.
Eu produzo e tento trazer para a escola.

Os professores acreditam na possibilidade de conciliar as duas atividades, tendo como exemplo disso a vida de outros profissionais, como antigos professores de faculdade que exerciam (ou exercem) a carreira artística tanto quanto a carreira docente:

[...] têm vários professores que eu conheço [...], na faculdade, que eles fazem isso. Eles têm essa carreira docente e também tem a carreira de artista.

Porém, é curioso na fala dos entrevistados que a crença na possibilidade de conciliar as duas atividades, mas nenhum desses profissionais se coloca como exemplo para tal afirmação, mas têm como referência a vida de outros professores que justificam suas afirmações. O que se percebe com isto é que eles acreditam em um fazer artístico que, muitas vezes, não conseguem ou simplesmente não desejam conciliar com a docência.

Born (2012), ao refletir acerca das falas de Strazzacapa e Morandi (2006), afirma que o professor de dança, nas escolas, não precisa ser um excelente bailarino, pois o seu foco de atuação está centrado na sala de aula e não no palco. Mesmo assim, isto não o isenta da necessidade de constante aperfeiçoamento na dança, seja assistindo, praticando ou sentindo sua criação nesta linguagem. O mesmo se aplica às outras linguagens da arte. O professor de Arte não necessita ser um exímio artista, um conhecedor de todas as técnicas e ter o domínio de todos os materiais e ferramentas, já que sua prática está mais voltada à docência. No entanto, ainda assim, esses conhecimentos são importantes para auxiliá-lo na prática docente e, por isso, é necessário o seu fazer artístico com exercícios e experimentações que o deixe mais próximo da arte.

Considerações Finais

A pesquisa que originou este artigo investigou a atuação de sete professores de Arte de cinco escolas públicas localizadas em três bairros periféricos de Belém, realizando entrevistas que permitiram a coleta de dados que pudessem responder aos questionamentos a respeito das possibilidades de conciliar a prática docente com fazer artístico.

Constatou-se na pesquisa que a escolha da carreira docente, para a maioria dos professores, está relacionada à ideia de maiores oportunidades de emprego ao término do curso, mesmo considerando esta carreira difícil.

O tempo dedicado à educação era considerado por eles demasiado, impedindo-os que pudessem desenvolver seus trabalhos/experimentos na arte. Desta forma, esta é uma das principais razões que prejudicam a conciliação das atividades docente e artística. E está relacionada ao grande número de turmas e extensas cargas horárias e outras obrigações extraclasse que ocupam suas vidas, mesmo quando estão fora da sala de aula.

Os professores, vendo a carreira docente como principal atividade provedora de renda tendem a priorizá-la em relação ao fazer artístico. Mesmo assim, alguns buscam formas de manter-se em contato com a arte fora da sala de aula, sem pretensões de ganhar dinheiro com isso. Enquanto outros se mantêm completamente afastados do fazer artístico por considerarem esta atividade exclusiva para o artista.

Os resultados mostraram que, para os entrevistados, a conciliação entre a prática docente e do fazer artístico não é fácil, porém não impossível. Esta tarefa é da competência de cada profissional e o interesse em realizá-la.

É importante ressaltar que esta pesquisa corresponde a uma análise interpretativa dos dados coletados, e não podem ser generalizados a outras instituições de ensino

de Belém, assim como seus profissionais. Embora despertem a curiosidade a respeito de demais espaços ensino na região, haja vista os resultados mostraram uma realidade que muitos profissionais vivenciam e dilemas que outros professores em formação poderão enfrentar no ensino da Arte. Desta forma, este trabalho trouxe informações e reflexões valiosas que podem estimular novas investigações que busquem evidenciar com maior clareza a relação da prática docente e o fazer artístico e formas de romper com ideias enraizadas na concepção sociocultural que separam o professor e o artista.

Notas

¹ O estágio realizado na Faculdade de Artes Visuais-FAV é dividido em quatro semestres (02 anos), o primeiro acontece, geralmente, no ensino infantil, no qual se faz o processo de percepção, orientação, acompanhamento e observação das aulas, o segundo é desenvolvido no ensino fundamental, o terceiro no ensino médio e quarto no ensino fundamental ou médio. A partir do segundo estágio o estudante tem como parte da atividade obrigatória da disciplina o desenvolvimento da regência, na qual se planeja e desenvolve planos de aulas que serão aplicados em sala de aula. No último período de estágio se realiza como regência a mediação em espaços culturais, no qual o estagiário propõe uma atividade que leve os alunos a espaços de exposição de artes, como museus, galerias etc. que possam aproximar mais os alunos de escolas públicas desses locais.

² Neste artigo faz-se o uso do termo “arte” grafada com letra minúscula para se referir à área de conhecimento humano, e com letra maiúscula quando esta área é componente curricular.

³ Em seu livro “Man and Superman: a comedy and a philosophy” publicado em 1903.

⁴ Belém é um município brasileiro e capital do estado do Pará, situado na região Norte do país. Localizada ao extremo nordeste da maior floresta tropical do mundo, sendo a capital mais chuvosa do Brasil devido a seu clima equatorial, influenciada diretamente pela Amazônia. Belém possui uma área de 1.059.458 km² e uma altitude de dez metros ao nível médio do mar, estando a cerca de 2.140 km da capital federal, Brasília. É o município mais populoso do Pará e o segundo da região Norte com uma população de 1.485.732 habitantes, segundo estimativa do IBGE (2018), e o 12º município mais populoso do Brasil.

⁵ Do quais três eram homens e quatro mulheres. E possuíam diferentes habilitações em Artes, sendo três com formação em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, um com formação em Educação Artística com Habilitação em Desenho, dois com Licenciatura em Artes Visuais e um com Licenciatura em Música.

⁶ Sendo três estaduais, uma municipal e uma federal.

⁷ Há que se destacar aqui que foram ignorados os erros gramaticais e/ou ortográficos presentes em trechos das entrevistas com os professores de Arte e que foram tomadas como citação, pois são originários de uma conversa de cunho informal. Desta forma, reitero que me atentei mais às informações transmitidas por essas falas do que às regras formais de escrita. E as citações diretas fogem as normas da ABNT, estando todas recuadas 4 cm da margem, independente da quantidade de linhas, como forma de destaque as falas dos professores.

⁸ Almeida (2009, p.71) considera o acaso como um “acontecimento fortuito” que está desvinculado da vontade do indivíduo. Entretanto, ressalta que as causas de um acontecimento em um tempo e espaço estão sempre relacionadas, ou seja, as ações do indivíduo determinam os possíveis resultados do acaso.

⁹ Isso não tem nenhuma relação com vocação ou dom para ensinar, mas sim a uma metodologia de ensino aplicada por um professor de forma equivocada a um determinado público.

¹⁰ Neste caso, o professor de Música pode ser visto como exceção, pois o mínimo conhecimento de como tocar os instrumentos é fundamental.

Referências

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser Artista, Ser Professor: razões e paixões do ofício.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: conflitos/ acertos.** São Paulo: Max Limonad, 1984.

BORN, Patriciane Teresinha. **Entre a docência e o fazer artístico: formação e atuação coletiva de professoras artistas.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CALDAS, Felipe. **Professor – Pesquisador – Artista: Uma profissão ou um terrível engano?** Revista Bimestral de Arte Panorama Crítico, 2010. (ed. 08 – Out/Nov).

DUARTE JR, João-Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Ágere, ed. 22).

FERRAZ, Maria Heloísa C; SIQUEIRA, Idméa S.P. **Arte-educação: Vivência, experiencição ou livro didático?** São Paulo: Edições Loyola, 1987.

FORTE, Marcelo. **Atravessando territórios: fazendo-se docente-artista no processo de formação.** 2013. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

RODRIGUES, Ailson. **A atuação de professores de Artes: um estudo de caso sobre a prática docente e o fazer artístico em escolas públicas de Belém.** 2018. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) Faculdade de Artes Visuais- Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: a formação do artista de dança.** Campinas, SP: Papirus, 2006.

Ailson Gonçalves Rodrigues

Mestrando em Artes na linha 3 - “História, crítica e Educação em Artes” do Programa de Pós-Graduação em Artes-(PPGARTES) da Universidade Federal do Pará (UFPA) com a pesquisa “Entre a docência e o fazer artístico: a atuação de professores-artistas de escolas públicas de Belém”. Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: ailsongoncalves@hotmail.com.

RODRIGUES, Ailson Gonçalves. Ser artista ou professor: a difícil tarefa de conciliar o fazer artístico com a prática docente, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1440-1452.